

A oposição federalista na Primeira República no Rio Grande do Sul através do jornal “O Maragato”

André Fertig¹

Esta comunicação objetiva apresentar um projeto de pesquisa ainda em sua fase incipiente. Nossa temática de investigação é a oposição federalista ao governo republicano no Rio Grande do Sul durante a Primeira República (1889-1930), mais especificamente, as idéias, a atuação e a trajetória de algumas lideranças políticas federalistas que se opunham ao governo republicano rio-grandense por intermédio do jornal federalista “O Maragato”, editado em Rivera desde 17 de março de 1897.

O projeto republicano em implementação no Rio Grande do Sul – o castilhismo, inspirado nas idéias de Auguste Comte, assumiu um caráter autoritário, promovendo a hipertrofia do poder executivo e pretendendo restringir ao máximo a atuação das forças políticas que não compartilhavam do mesmo projeto protagonizado por Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, entre outros. Segundo o historiador colombiano Ricardo Vellez Rodrigues, o castilhismo correspondeu a um modelo político inspirado em Comte, mas reelaborado pessoalmente por Júlio de Castilhos, principalmente na defesa que este fazia da importância do papel do Estado na sociedade. Além de ser a versão gaúcha do positivismo comtiano, tal matriz ideológica teve certa longevidade ao influenciar inclusive o projeto político de Getúlio Vargas.²

A análise acerca da oposição política à República no Rio Grande do Sul se justifica, pois não há muitas produções historiográficas sobre o tema. Temos conhecimento que, desde a década de 1970, a historiografia, principalmente rio-grandense, têm se dedicado

¹ Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS e Professor do Departamento de História da UFSM.

² Sobre este tema ver BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, especificamente o capítulo 9, “A arqueologia do Estado-providência”.

a estudar a República castilhistas em distintos aspectos.³ Porém, quando a historiografia se deteve nos federalistas, a rigor, a ênfase se deu nos dois eventos bélicos importantes do período, a Revolução Federalista e a Revolução de 1923⁴ ou abordou as lideranças principais, como Gaspar Silveira Martins (1835-1901) ou dissidentes célebres do PRR (Partido Republicano Riograndense) como Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938).⁵ Portanto, uma análise mais atenta sobre a atuação da oposição ao longo da República Velha merece ser realizada, principalmente pela disposição que temos de fontes como a imprensa e os debates parlamentares.

Para viabilizar a investigação escolhemos como cenário da pesquisa uma região que notoriamente foi designada como foco de resistência dos federalistas, a campanha do Rio Grande do Sul, representada por cidades como Bagé, cidade natal de Silveira Martins e ponto de partida para a organização do Partido Federalista no ano de 1892. Também enfocaremos a cidade de Santana do Livramento, palco de atuação política e jornalística de dirigentes federalistas como Rafael Cabeda e Rodolfo Costa que, através do jornal “O Maragato”, representou foco privilegiado de atuação da oposição federalista que, como sabemos, possuía como base de apoio eleitoral grande parcela da elite agropecuária destas regiões da campanha riograndense. Além disso, a maioria dos

³ São exemplos representativos da profícua historiografia política sobre o Rio Grande do Sul na Primeira República: LOVE, Joseph. **O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930**. São Paulo: Perspectiva, 1975; RODRIGUES, Ricardo Vélez. **Castilhismo: uma filosofia da República**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Ed. UCS, 1980; TRINDADE, Hélio. Aspectos políticos do sistema partidário riograndense (1882-1937). Da confrontação autoritário – liberal à implosão da aliança político-revolucionária de 30 In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sérgio (org.). **RS: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979; PINTO, Celi. **Positivismo: um projeto político alternativo**. Porto Alegre: LPM, 1986. FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. Porto Alegre: Ed. Ufrgs, 1996. Uma ótima síntese sobre a historiografia recente sobre o tema está em: PEZAT, Paulo. O positivismo na abordagem da recente historiografia gaúcha. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 23/24, v. 13, p. 255-285, jan./dez.2006.

⁴ São exemplos desta abordagem de eventos as obras: PESAVENTO, Sandra. **A Revolução Federalista**. São Paulo: Brasiliense, 1983 e ANTONACCI, Maria Antonieta. **RS: as oposições e a Revolução de 1923**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981 e RECKZIEGEL, Ana Luisa Setti. 1893: A Revolução além da fronteira. In: GOLIN, Tau, BOEIRA, Nelson. **República Velha (1889-1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007. v. 3.

⁵ Exemplo desta abordagem é Ricardo Vellez Rodrigues em sua obra “Castilhismo: uma filosofia da República”, mas especificamente o capítulo “O governo representativo segundo o pensamento liberal” e seguintes, nos quais Rodrigues apresenta as críticas de Silveira Martins ao castilhismo, no que diz respeito ao papel do poder legislativo e a representação política.

exponentes da oposição federalistas com mandatos no parlamento estadual que investigaremos como Jorge Pinto (Alegrete), Gaspar Saldanha (Alegrete) e José Alves Valença (Júlio de Castilhos), Rafael Cabeda (S. Livramento), Rodolfo Costa (S. do Livramento) eram oriundos desta região sul do Estado do Rio Grande do Sul. Como observou Sérgio da Costa Franco, a região fronteira foi base forte de sustentação do Partido Federalista e, conseqüentemente, um número significativo de quadros do partido eram também originários de cidades como Bagé e Santana do Livramento.⁶

Como objetivo geral, nossa investigação pretende resgatar a atuação da oposição federalista durante a Primeira República no Rio Grande do Sul, principalmente no que diz respeito às críticas ao projeto republicano castilhista veiculadas pela imprensa político-partidária liberal-federalista.

Como objetivos específicos pretendemos:

- a) Traçar um perfil sociológico do grupo político liberal-federalista que, ao longo da 1ª República, se opôs ao governo castilhista.
- b) Apontar e caracterizar as principais críticas à República castilhista em implantação produzidas pelos federalistas..
- c) Compreender a trajetória e o destino de lideranças políticas liberais-federalistas na passagem do período monárquico para o período republicano, procurando perceber a mudança ou não de suas idéias políticas.
- d) Recuperar a trajetória e as idéias políticas de algumas lideranças que protagonizaram a resistência à República castilhista em cidades como Bagé e S. do Livramento.

⁶ FRANCO, Sérgio da Costa. O Partido Federalista. In: GOLIN, Tau, BOEIRA, Nelson. **República Velha (1889-1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007, v. 3, p. 135.

- e) Perceber as diferenças programáticas e conflitos presentes entre as lideranças políticas que resistiram ao castilhismo ao longo da 1ª República.
- f) Investigar a memória produzida pelos federalistas, principalmente através do jornal “O Maragato”, sobre Gaspar Silveira Martins e outras lideranças.
- g) Identificar em que medida as idéias das oposições políticas de cidades próximas à fronteira como, por exemplo, S. do Livramento e Bagé, foram influenciadas pelas idéias políticas oriundas do contexto político uruguaio.

Do ponto de vista teórico-metodológico nos inspiramos na denominada história política renovada⁷, que defende a concepção de que a história política não se resume a narração dos eventos oficiais dos Estados, nem na idealização de grandes personagens, mas parte do princípio que a história política pode construir o conhecimento histórico a partir de questões, métodos e conceitos aplicados ao objeto em análise. Como afirma Jacques Julliard:

“Ou bem existe uma natureza própria dos fenômenos políticos, que os limita à categoria de fatos – simples espuma das coisas, espuma que se pode deixar de lado sem prejuízo -, ou bem, ao contrário, o político, como o econômico, o social, o cultural, o religioso, acomoda-se aos métodos os mais modernos, e, nesse caso, é tempo de aplicá-los ao político”.⁸

Neste sentido, pretendemos recuperar como as lideranças políticas de oposição à República positivista produziam suas idéias acerca de si e do mundo, da melhor forma de governar, do modelo ideal de República a ser adotado pelo Brasil, dos seus adversários políticos, das questões que consideravam importantes no debate político, entre outros assuntos. Portanto, aspiramos realizar uma abordagem que privilegie o

⁷ Sobre a história política renovada ver: REMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

⁸ JULLIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, Jacques (org.). **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 181-182.

imaginário⁹ político destas lideranças, bem como a história das idéias políticas produzidas por elas no contexto histórico em foco. Ou seja, objetivamos entender a atuação de algumas lideranças inseridas num tempo mais longo do que do evento, pois desejamos caracterizar seus discursos ao longo de suas trajetórias de vida política e, desta maneira, pretendemos recuperar valores, comportamentos, práticas e idéias que fazem parte do que podemos denominar como elementos de uma cultura política.

Ao privilegiarmos os políticos federalistas, nosso intento é compreendê-los no contexto histórico mais amplo, relacionando a história individual, particular destes agentes políticos, ao contexto mais geral, ou seja, estrutural, tentando produzir conhecimento sobre uma sociedade do passado em sentido amplo, com suas características estruturais importantes e também sua complexidade de diferenciações e particularidades.¹⁰

Todavia, interessados no papel do indivíduo na história, somos tributários das discussões teóricas introduzidas pela micro-história, pois não pretendemos entender nossos personagens – os políticos federalistas - como completamente condicionados pelo seu tempo histórico, mas devemos reconhecer, como nos sugere Giovanni Levi, relativa liberdade dos homens, visto que a ação social é resultado de “constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo diante, de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades pessoais”.¹¹

⁹ Compreendemos o imaginário como um sistema de idéias-imagens de representação coletiva que cada sociedade, através de seus indivíduos ou grupos sociais, em determinado tempo histórico, produz a respeito de si e do mundo em que vive. Ver: PESAVENTO, Sandra. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p.9-27, 1995.

¹⁰ Sobre a relação entre biografia e história ver: LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998; além de BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica e LEVI, Giovanni. Usos da biografia. Estes dois artigos em: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

¹¹ LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992, p. 135. A respeito da micro-história consultar também: GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989. ESPADA LIMA, Henrique. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

Além da pesquisa empírica no jornal “O Maragato”, também desejamos conhecer o perfil social do campo político liberal-federalista da região da campanha do Rio Grande do Sul enquanto grupo que atua na passagem do Império para a República e se rearticula como oposição para se contrapor ao castilhismo. Para tanto, nos fundamentaremos no método prosopográfico ou da biografia coletiva que, na definição de Lawrence Stone, pode ser compreendido como:

“(...) a investigação das características comuns do passado de um grupo de atores na história através do estudo coletivo de suas vidas. O método consiste em definir um universo a ser estudado e então a ele formular um conjunto de questões padronizadas – sobre nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posições econômicas herdadas, local de residência, educação e fonte de riqueza pessoal, ocupação, religião, experiência profissional e assim por diante (...)”.¹²

Com tal perspectiva teórica investigaremos as informações pessoais dos políticos em foco, como cidade de origem, nível escolar, ocupação profissional, patrimônio, pretendendo traçar a história pessoal de lideranças federalistas. Por outro lado, enfocaremos também a trajetória política dos personagens escolhidos, verificando a sua posição dentro do partido, a experiência como militante e a posição ocupada no interior da agremiação política, como também os períodos de mandato e o teor de suas práticas, com ênfase nas idéias e questões que norteavam suas atuações e no jornalismo político-partidário. Além destes itens, quando recuperarmos a trajetória de alguns políticos federalistas nos preocuparemos ainda com o caráter da inserção destes políticos na sociedade, tentando reconstruir os laços sociais estabelecidos por eles ao longo de sua carreiras, seus vínculos de interesse e, inclusive, suas relações pessoais e de parentesco instituídas ao longo do tempo.¹³

¹² STONE citado por HEINZ, Flávio. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: HEINZ, Flávio (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, p.41.

¹³ Um exemplo inspirador de estudo prosopográfico que articula os dados pessoais as trajetórias políticas é a pesquisa de FERRARI, Marcela. Dirigentes políticos cordobeses nos tempos da república verdadeira,

Portanto, pretendemos um enfoque que aproxima a história da sociologia ao tentarmos traçar as características comuns presentes em determinado grupo social, no caso, os federalistas, principalmente daqueles originários dos municípios de Santana do Livramento e Bagé, em um determinado tempo histórico, o da Primeira República, mais especificamente, entre os anos 1892 e 1923. Como afirmou Flávio Heinz, “com as biografias coletivas, os historiadores fazem sociologia do passado”.¹⁴

Em relação a metodologia como a forma de diálogo que o historiador estabelece com as fontes e a estratégia que ele percorre, através da pesquisa empírica e da relação que se constrói entre objetivos, referencial teórico e fontes, no intuito de realizar a produção do conhecimento histórico, nos fundamentaremos, como dissemos, no jornal político “O Maragato”. Sabemos que, além das instituições representativas do sistema político, como os parlamentos, era através da imprensa que acontecia o debate político e o confronto de idéias na passagem do século XIX para o XX, visto que os grupos e partidos políticos do período costumavam ter jornais para expressar seus programas e defender suas causas.

A importância de utilizarmos jornais como fonte de pesquisa aumenta se considerarmos que, a partir da República castilhista riograndense, pelo menos nos seus primeiros anos, até o ano de 1913, as oposições não participaram da Assembléia Legislativa estadual, visto que, somente na 7ª legislatura (1913-1916) elegeu-se o primeiro deputado de oposição, Jorge Pinto, que se denominava “modesto discípulo das idéias de Silveira Martins”.¹⁵ Conforme avaliou o historiador Francisco das Neves Alves, ao salientar a

1916-30: uma aproximação prosopográfica. In: HEINZ, Flávio (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

¹⁴ HEINZ, Flávio. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: HEINZ, Flávio (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, p. 9.

¹⁵ Observamos, entretanto, que, por exemplo, foram eleitos em 1906 três federalistas para a Câmara Federal: os bacharéis em direito Wenceslau Escobar e Pedro Moacyr e, oriundo da cidade de Pelotas, Francisco Antunes Maciel. Porém, nosso objetivo é investigar o debate político estadual. Não faz parte das pretensões desta pesquisa o debate em âmbito nacional.

importância dos jornais como fonte histórica privilegiada para se recuperar o debate político partidário no final do século XIX e primeiras décadas do XX:

“(...) os republicanos rio-grandenses promoveram uma política de exclusivismo partidário, garantindo espaço político apenas àqueles afinados com o ideário e submissos à liderança de Júlio de Castilhos, que, por sua vez, montou um aparelho político-institucional que visava garantir a perpetuação do Partido Republicano Rio-Grandense no poder”.¹⁶

Sendo assim, neste período, o debate político público acontecia quase que unicamente por intermédio dos periódicos, que explicitavam as idéias e programas dos principais grupos políticos que representavam tanto o governo como daqueles que estavam na oposição.

Pretendemos, ao analisarmos “O Maragato”, recuperarmos a atuação dos federalistas situados em Santana do Livramento/Rivera, buscando compreender que projeto de Estado pretendiam defender e que representação construía do governo estabelecido, ou seja, que imagem produziam acerca de seus adversários políticos, no caso, à República castilhista e seus governantes, como Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. Sendo assim, nossa estratégia metodológica também será estudar a atuação no jornalismo político de algumas lideranças federalistas ao longo da primeira República. Para consecução de tal finalidade, já identificamos algumas delas como, por exemplo, Rafael Cabeda¹⁷, Rodolfo Costa, Pedro Moacyr, Gaspar Saldanha, José Alves Valença, Carlos Azambuja, Jorge Pinto, entre outros que podem vir a ser objeto de investigação.

¹⁶ ALVES, Francisco das Neves. A pequena imprensa rio-grandina ao final do século XIX: a presença do jornalismo político-partidário. **Biblos**, Rio Grande, n. 9, p. 45-58, 1997.

¹⁷ Para exemplificar uma destas lideranças, citamos brevemente a trajetória de Rafael Cabeda (1857-1922): nascido em Santana do Livramento, filho de comerciantes, estudou na Escola de Comércio de Hamburgo (Alemanha) e trabalhou dois anos em Liverpool, retornando ao Brasil em 1876. Companheiro de Silveira Martins, foi membro do Partido Liberal, lutou na Revolução Federalista de 1893 e, posteriormente ao conflito, tornou-se uma das principais lideranças do Partido Federalista. Para mais informações ver: CAGGIANI, Ivo. **Rafael Cabeda: símbolo do federalismo**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

Nosso recorte cronológico final será 1923, já que a partir deste ano temos mudanças políticas importantes em razão da Revolução de 23 e suas conseqüências, como a formação da Aliança Libertadora que, sob a liderança de Assis Brasil, reuniu federalistas e dissidentes republicanos. A partir de 1923 temos outro contexto histórico e, portanto, outra oposição em formação. Neste contexto, a partir do início dos anos 1920, nas palavras de Sérgio da Costra Franco, “o federalismo definhou”. O campo federalista foi tomado por conflitos internos entre “pintistas” (adeptos de Artur Pinto da Rocha), cujo foco era Bagé, e os “cabedistas” (adeptos de Rafael Cabeda), situados em S. do Livramento. Como sinal de perda de protagonismo político, o Partido Federalista não apoiou a candidatura de Assis Brasil ao governo do Estado e, finalmente, em 1928, extinguiu-se, nascendo o Partido Libertador. Como sinal da força do federalismo na região da campanha do Rio Grande do Sul, o diretório federalista de Santana do Livramento – composto pelos discípulos de Rafael Cabeda - não aderiu aos libertadores, tornando-se, pelo menos simbolicamente, no último bastião federalista no Rio Grande do Sul. Como observou Sérgio da Costa Franco:

“Rigorosamente, só o diretório federalista de Santana do Livramento nunca admitiu a dissolução do partido e deixou de aderir ao novo grêmio político que se constituía em Bagé. Fiéis discípulos de Rafael Cabeda e cultores de sua memória, os federalistas de Livramento jamais aceitaram qualquer movimento ou candidatura que não esposasse os ideais do parlamentarismo. Caso único de fidelidade às idéias, foram por muito tempo objeto de chacota dos políticos versáteis e flexíveis, mas até perecer o último remanescente fizeram praça de sua irredutibilidade e da devoção às idéias de Silveira Martins”.¹⁸

Pesquisar esta força política e a persistência de suas idéias, mesmo que vencidas em seu tempo, é o interesse que motiva este projeto de pesquisa.

¹⁸ FRANCO, op. cit. p. 169.

Referências Bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. Silveira Martins x Júlio de Castilhos – a personalização do conflito federalista: um estudo de caso. **Biblos**, Rio Grande, n. 9, p. 35-44, 1997.

ALVES, Francisco das Neves. A pequena imprensa rio-grandina ao final do século XIX: a presença do jornalismo político-partidário. **Biblos**, Rio Grande, n. 9, p. 45-58, 1997.

AXT, GUNTER. Coronelismo Indomável: O Sistema de Relações de Poder. In: GOLIN, Tau, BOEIRA, Nelson. **República Velha (1889-1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007. v. 3.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (org). **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

BOEIRA, Nelson. O Rio Grande do Sul de Augusto Comte. In: DACANAL, J.H e GONZAGA, Sérgio (org.). **RS: cultura e ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

BORGES, Vavy Pacheco. História e Política: laços permanentes. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 12, n. 23/24, set.91/ago.92, p. 7-18.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CAGGIANI, Ivo. **Rafael Cabeda: símbolo do federalismo**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

CARNEIRO, Newton. Dissidência política e partidos: da crise com a Regência ao declínio do II Reinado. In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf, PADOIN, Maria Medianeira. **Império**. Passo Fundo: Méritos, 2006. V. 2.

CAPELATO, Maria Helena. História política. **Estudos Históricos**, n. 17, 1996, p. 161-166.

ESPADA LIMA, Henrique. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. Porto Alegre: Ed. Ufrgs, 1996.

FERRARI, Marcela. Dirigentes políticos cordobeses nos tempos da república verdadeira, 1916-30: uma aproximação prosopográfica. In: HEINZ, Flávio (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha história”: o retorno da história política. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 10, 1992, p. 265-271.

FLORES, Elio Chaves. A consolidação da República: rebeliões de ordem e progresso. In: FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FRANCO, Sérgio da Costa. O Partido Federalista. In: GOLIN, Tau, BOEIRA, Nelson. **República Velha (1889-1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007. v. 3.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.

GUTFREIND, Ieda. **Rio Grande do Sul: 1889-1896. A Proclamação da República e a reação liberal através de sua imprensa**. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado/PUC, 1979.

HEINZ, Flávio (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

LOVE, Joseph. **O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escalas. A experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LINS, Ivan. **História do positivismo no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **Os Subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

JULLIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (org.) **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2006.

NEVES, Margarida de Souza. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ORICO, Osvaldo. **Silveira Martins e sua época**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935.

PESAVENTO, Sandra J. República Velha gaúcha: Estado autoritário e economia. In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sergius. **RS: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

PESAVENTO, Sandra. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p.9-27, 1995.

PORTO ALEGRE, Aquiles. **Homens ilustres do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Erus, s/d.

PICCOLO, Helga. **Vida política no século XIX**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992.

PINTO, Celi. **Positivismo: um projeto político alternativo**. Porto Alegre: LPM, 1986.

RECKZIEGEL, Ana Luisa Setti. 1893: A Revolução além da fronteira. In: GOLIN, Tau, BOEIRA, Nelson. **República Velha (1889-1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007. v. 3.

RECKZIEGEL, Ana Luisa Setti. **A diplomacia marginal: vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai (1893-1904)**. Passo Fundo: Ed. UPF, 1999.

REMOND, Rene. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RODRIGUES, Ricardo Vélez. **Castilhismo: uma filosofia da República**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Ed. UCS, 1980.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 30, 1995, p. 9-22.

TRINDADE, Hélió. Aspectos Políticos do Sistema Partidário Republicano Rio Grandense (1882-1937). Da confrontação autoritário – liberal à implosão da aliança político-revolucionária de 30. In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sérgio. **RS: Economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

TRINDADE, Hélió. **Subsídios para a história do parlamento Gaúcho (1890-1937)**. Porto Alegre: Corag, 2005.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **A crise dos anos 20**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1992.

WARSEMANN, Cláudia. O Rio Grande do Sul e as elites gaúchas na Primeira República: guerra civil e crise no bloco do poder. In: GRIJÓ, Luiz Alberto, KUHN, Fábio, GUAZZELLI, César Augusto Barcellos, NEUMANN, Eduardo Santos (Orgs.). **Capítulos de história de Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

WINOCK, Michel. As idéias políticas. In: REMOND, Rene. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.